

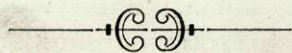
Nº 4.
EVARISTO G. SARAIVA

O MYSTICISMO
EM
MEDICINA

DISSERTAÇÃO INAUGURAL

APRESENTADA Á

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO



35/4. EMC

PORTO

TYP. DE ALEXANDRE DA FONSECA VASCONCELLOS
29, Rua do Moinho de Vento, 29
1883.

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

DIRECTOR

CONSELHEIRO MANOEL MARIA DA COSTA LEITE

SECRETARIO

RICARDO D'ALMEIDA JORGE

CORPO CATHEDRATICO

LENTES CATHEDRATICOS

1. ^a Cadeira—Anatomia descriptiva e geral.....	João Pereira Dias Lebre.
2. ^a Cadeira—Physiologia.....	Antonio d'Azevedo Maia.
3. ^a Cadeira—Historia natural dos medicamentos, Materia medica.....	Dr. José Carlos Lopes.
4. ^a Cadeira—Pathologia externa e therapeutica externa.....	Antonio Joaquim de Moraes Caldas.
5. ^a Cadeira—Medicina operatoria.....	Pedro Augusto Dias.
6. ^a Cadeira—Partos, molestias das mulheres de parto e dos recém-nascidos	Dr. Agostinho Antonio do Souto.
7. ^a Cadeira—Pathologia interna — Therapeutica interna.....	Antonio d'Oliveira Monteiro.
8. ^a Cadeira—Clinica medica.....	Manoel Rodrigues da Silva Pinto.
9. ^a Cadeira—Clinica cirurgica.....	Eduardo Pereira Pimenta.
10. ^a Cadeira—Anatomia pathologica.....	Manoel de Jesus Antunes Lemos.
11. ^a Cadeira—Medicina legal, hygiene privada e publica e toxicologia geral..	Dr. José F. Ayres de Gouvêa Osorio.
12. ^a Cadeira—Pathologia geral, semeiologia e historia medica.....	Ilidio Ayres Pereira do Valle.
Pharmacia.....	Izidoro da Fonseca Moura.

LENTES JUBILADOS

Secção medica.....	{ Dr. José Pereira Reis.
	{ João Xavier d'Oliveira Barros.
	{ José d'Andrade Gramaxo.
Secção cirurgica.....	{ Antonio Bernardino d'Almeida.
	{ Conselheiro Manoel Maria da Costa Leite.
Pharmacia.....	{ Felix da Fonseca Moura.

LENTES SUBSTITUTOS

Secção medica.....	{ Vicente Urbino de Freitas.
	{ Antonio Placido da Costa.
Secção cirurgica.....	{ Augusto Henrique d'Almeida Brandão.
	{ Ricardo d'Almeida Jorge.

LENTE DEMONSTRADOR

Secção cirurgica.....	Candido Augusto Corrêa de Pinho.
-----------------------	----------------------------------

A Escola não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação e enunciadas nas proposições.

(Regulamento da Escola, de 24 d'abril de 1840, art. 155).

Para o dia 20 de julho - 10 horas.

Presidente - O Ex.^{ma} Sur. Dr. Vicente
Urbino de Freitas.

O Ex.^{ma} Sur. Dr.

Arguentes { Agostinho Antonio do Sant
João Pereira Dias Lebre
José Carlos Lopes.
Manoel Rodrigues da S.^a Pin

À MEMORIA DE MEU SOGRO

O EX.^{mo} SNR.

JOAQUIM ALBINO DIAS DE CASTRO

A meus Paes

A MINNA MULLER

Heureux qui délivre une femme,
qui l'affranchit de la fatalité physi-
que, où la tien la nature, de la fai-
blesse où elle est dans l'isolement, de
tant de misères, d'obstacles, heureux
qui l'initie, l'élève, la fortifie et la fait
sienne !... Ce n'est pas elle seule-
ment qu'il a délivrée ; c'est lui même.

MICHELET.

A MEUS IRMÃOS

A MEUS PRIMOS

Dr. Francisco Gomes Teixeira.

Pedro Gomes Teixeira.

José Gomes de Carvalho.

AOS MEUS AMIGOS

ANTONIO J. DE SÁ PEIXOTO.

JEREMIAS AUGUSTO DA SILVA.

AOS MEUS CONDISCIPULOS

Augusto Antonio dos Santos Junior.

João A. da Cunha Sampaio Maia.

José Carneiro Peixoto.

Frederico Ferreira Corrêa Vaz.

Joaquim de Souza Garcez.

E CONTEMPORANEOS

Manoel J. Peixoto do Rego.

João Antonio de Sampaio Castro.

Antonio Pereira de Paiva e Pona.

Manoel Ferreira dos Santos.

Os vossos nomes n'esta pagina representam a sagração da intima e amiga confraternidade que nos ligou durante o nosso curso escolar. Não se esqueça esta amizade, antes se avive com a recordação saudosa do tempo de estudantes.

AO EX.^{mo} SNR.

DR. JOSÉ CARLOS LOPES

Releve-me a liberdade de inscrever n'esta pagina o nome de V. Exc.^a Quer com isto manifestar-lhe um profundo reconhecimento e cordial amizade o seu discipulo e amigo respeitoso.

E. Saraiva.

AOS MEUS PROFESSORES

ESPECIALMENTE AOS EX.^{mos} SNRS. DRS.

Agostinho Antonio do Souto.

Eduardo Pereira Pimenta.

Pedro Augusto Dias.

Manoel Rodrigues da Silva Pinto.

A todos agradeço suas benevolas atenções e patenteio
a minha gratidão

AO MEU PRESIDENTE

O EX.^{mo} SNR.

Dr. Vicente Urbino de Freitas

I

Outr'ora baseava-se o sobrenatural
na ignorancia, hoje basea-se na mentira.

CHARBONNIER.

Na resolução do complicado problema do ideal humano compete ao medico um papel importantissimo, visto que pela multiplicidade de conhecimentos que mais do que nenhuma outra exige a sua profissão, possui incontestavelmente maior numero de dados para determinar o termo da evolução humana.

O medico tem, ao que parece, de ser n'um futuro mais ou menos remoto o legislador social, pois que elle melhor que ninguem poderá estatuir leis mais adequadas á organização do homem.

O character da philosophia medica é de sua natureza immensamente complexo; deve elle com effeito abranger em sua comprehensão todos os esforços tendentes a explicar o universo, o homem, o mais intrincado problema que desde o nascimento da humanidade tem dado origem aos mais caprichosos e variados systemas.

A sciencia moderna tem hoje um vasto alcance no que diz respeito ao homem e no estudo d'este ou d'aquelle personagem historico como na confecção da historia d'um povo existe actualmente um criterio positivo e seguro que, substituindo methodos archaicos e pouco racionaes, se funda em dados biologicos, que são a razão efficiente de todos os phenomenos da actividade do homem ou da humanidade, organismo composto de varias concorrentes.

Como todos os assumptos o estudo do homem está sujeito a innumeras restricções; todos os pontos de vista sob que elle se estude têm importancia e concorrem afinal para um conhecimento mais exacto.

Nós tentamos estudar o homem debaixo d'um ponto de vista particular, debaixo do ponto de vista mystico que não deixa de ter, pensamos, algum interesse.

O ponto de vista sob que nos collocamos é em parte de character abstracto e em parte perfeitamente practico.

Vém a campo dados da phisiologia e da pathologia para dar uma explicação racional, scientifica, de suppostas faculdades maravilhosas dos mysticos, afinal phenomenos normaes ou morbidos de mais ou menos facil interpretação.

E assim julgamos entrar no vasto campo das sciencias medicas onde nos chama o dever.

Naturalmente se nos impõe ao espirito esboçar as phases pelas quaes tem passado o mysticismo no ponto de vista medico, unico que nos occupa a attenção, porque a tendencia ao maravilhoso, a fazer superintender agentes de ordem superior no arranjo e governo do mundo tem sempre existido mascarada debaixo de variadas fórmãs, não obstante ser sentimento natural no homem *scire res*

per causas, o que quer dizer, afastar-se do caminho do maravilhoso. Este esboço servirá ao mesmo tempo para estabelecer o estado do assumpto que pretendemos estudar.

O mysticismo vae em tudo desaparecendo em proporção de mais largos horisontes que em cada dia a sciencia descobre, o que não obsta a que ainda haja espiritos presos a principios gastos e combatidos que têm tido como resultado sómente o atraso dos conhecimentos humanos.

No seculo actual não se encobre a ignorancia com explicações banaes; esta epoca que de justiça marca um periodo notavel nas conquistas do espirito, para criar destroe, lança por terra o edificio das velhas crenças; abandona os mythos da poesia do passado e sobre estas ruinas levanta as suas theorias, formosas pela sua singeleza e admiraveis pelo arrojo da synthese. O sabio moderno ou comprehende e affirma, formulando leis e thorias ou não comprehende e então trabalha, fazendo entrar nos seus estudos a analyse, a observação e a experimentação, fertilizadas pelo raciocinio, mas nunca a sua razão cede á gasta metaphisica, que hoje está desacreditada perante o mundo sabio. É palpavel absurdo, dita-o a sinceridade, considerar como sobrenatural um facto ou um phenomeno só porque elle ainda não teve a sua explicação.

Na exposição das transformações e phases do mysticismo, algumas das quaes têm apenas um valor historico, faremos as observações que surgirem ao nosso espirito, reservando uma analyse mais minuciosa para umas certas fórmulas, unicas que merecem discussão scientifica.

É n'este ponto que principia a parte realmente posi-

tiva do nosso trabalho; teremos de nos referir a factos conhecidos, cuja explicação fará desaparecer toda a tendência para o sobrenatural. *Si vis pacem, para bellum*, dizem os moralistas, referindo-se ao valor ultimo das discussões; a mesma divisa deve ter o medico e o naturalista; como os auctores do principio citado, nós tambem desejamos a paz, que em sciencia quer dizer — verdade — ou pelo menos o que como tal se nos affigura.

Não é nosso intento fazer resaltar no decurso d'este trabalho um conflicto entre a razão e a fé e, sem criticar esta ou aquella ordem de crenças, só diremos com Méric «seguir a razão é ouvir a Deus.»

O mysticismo póde lançar no campo da therapeutica muitos erros; pelo decurso do nosso trabalho veremos que a crença na possibilidade de curar ou produzir doenças por esta ou por aquella ordem de pensamentos, por um rito mais ou menos apparatuso, de que têm sido sacerdotes muitos de boa fé e muitos outros, impostores, que essa crença, repetimos, é actualmente irrisoria e um contra-senso.

Longe de ser pois uma curiosidade scientifica ou assumpto de romance o ponto que nos propomos tratar; tem elle nos parece, um valor real, bastante interesse scientifico.

O estado do espirito chamado mysticismo cria no individuo doenças e faculdades que tentaremos explicar, pon-do em evidencia o valor e importancia que para espiritos despreoccupados têm as curas miraculosas, certas faculdades que se têm revestido do cunho miraculoso, as explicações pelo sobrenatural em summa.

O mysticismo é um estado cerebral em que a sensação, composto de tres partes, impressão, transmissão e percepção é como que mutilada e reduzida a um puro subjectivismo, acreditando-se *á priori* na intervenção de deuses ou demonios e em qualidades occultas da materia, na produção e cura das doenças. É a fonte dos extasis e das visões; é a esforçada energia d'um orgão ou d'um espirito que por assim dizer se consome na escravidão do que se lhe affigura realidade exterior, pois que esta só foi operada pela palavra ou pelo pensamento. Este estado cerebral tem, como vamos ver, sempre dado origem a numerosos erros em medicina, cuja reconstituição verdadeiramente scientifica é contemporanea.

Esboço historico

Entre os pagãos foram consagrados por verdadeiras apothèses os inventores da arte de curar e o grande orador e philosopho romano dizia—*deorum immortalium inventioni consecrata est ars medica.*—E' assim que Hippocrates teve honras de semi-deus e de alguma maneira estava persuadido da origem mysteriosa, quasi divina, da medicina.

Sendo assim como é para admirar que por muitos seculos e ainda em nossos dias tenha sido sentimento commum nas massas menos illustradas a intervenção d'um ser de ordem superior, influenciando na saúde?

Nas primitivas edades o medico era ao mesmo tempo

sacerdote e legislador; elle concentrava em si todos os conhecimentos do tempo e na sua *sabedoria* subordinava todos os factos, todos os phenomenos de ordem phisica, biologica e moral a idéas subjectivas, alicerce bem fragil de theorias e systemas mais ou menos disparatados. Por via de regra estes sabios não tinham convicções e sua doutrina visava as mais das vezes á consecução dos seus fins. Não havia sabedoria o que muito bem entendeu Pytagoras, substituindo este termo pelo de philosophia.

A Cosmogonia de Hesiodo, contemporaneo do velho Homero é uma tentativa de explicação das diversas forças da natureza, symbolisadas em outras tantas divindades. Hesiodo suppõe um chaos d'onde a Suprema Intelligencia formou o mundo. O mesmo fundo se encontra nas Metamorphoses de Ovidio. E' em summa a deficiencia de conhecimentos d'aquelles tempos em que os escriptores e as capacidades da epocha se acobertavam com o escudo do maravilhoso.

Se considerarmos tambem que por muitos seculos a medicina foi toda empirica, que era desconhecida a etiologia e pathogenia de quasi todas as doenças e que só muito tarde ella se foi impregnando do espirito scientifico, base de todo o progresso moral e material, que só depois de muitos seculos o homem resolveu tirar aos deuses prerogativas de que elle mesmo era capaz, naturalissima nos parecerá a phase mystica da medicina como a de qualquer outra sciencia.

—Segundo Herodoto (1) na Babylonia a medicina estava

(1) As nove musas, liv. 1.º cap. CXCIX.

nas mãos dos sacerdotes e a mesma coisa succedia em outros povos antigos.

— No Egypto, diz Bouillet ⁽¹⁾ os sacerdotes não se entregavam senão a supersticiosas practicas (medicas) em que seria difficil descobrir algum lado verdadeiramente scientifico. Alli, segundo o auctor citado, a medicina era quasi exclusivamente exercida pelos sacerdotes e d'aqui o grande numero de medicos egypcios que se contavam pelo numero de sacerdotes, classe em que abundava uma nação em que *até nas hortas nasciam numes*, no dizer satyrico de Juvenal.

— Segundo Flavio Josepho, Salomão aproveitou na direcção e governo dos hebreus as noções que Deus lhe havia ministrado ácerca dos diversos vegetaes, compondo remedios para o seu povo.

— Na India a medicina esteve sempre envolvida nas invocações e hymnos religiosos; os seus Vedas são ao mesmo tempo canticos sagrados e medicos em que se falla da preservação de maleficios, de potencias nocivas e occultas. ⁽²⁾

N'uma segunda phase a medicina indiana progrediu, até que a oppressão musulmana veio mergulhal-a em trevas. Os sacerdotes são os medicos do paiz e o Vagadastirum reúne todos os seus conhecimentos.

Estacionaria em medicina, acredita que esta veio do céo e religiosamente se abstem de alterar as suas tradições medico-theurgicas.

(1) Historia da medicina.

(2) Daremberg.

— Os chinezes são na medicina tenebrosos como nas outras sciencias; para elles ha dois principios de vida, calor vital (yang) e o humido radical (yn); os espiritos e o sangue servem de vehiculo a estes dois principios; a sua practica medica é igualmente cheia de superstições.

— Os antigos gaulezes tinham os seus *druidas* que eram juizes, sacrificadores e medicos; acreditavam que o visco do carvalho era um excellente remedio contra a esterilidade; é assim que elle era muito honrado entre elles, sendo a sua ceifa acompanhada de ceremonias extravagantes.

— Na Grecia antes de Hippocrates, segundo a crença popular, muitos deuses e deusas se dignaram descer das alturas do Olympos para exercerem as funcções medicas.

N'este foco de civilização, a par de medicos perfeitamente especulativos ou antes philosophos e dos directores dos gymnasios, que se occupavam de hygiene e de cirurgia, outros formavam o collegio sacerdotal, indo ao templo de Esculapio soccorrer os doentes que de todos os pontos alli affluíam. Os templos eram os hospitaes, onde entre as numerosas ceremonias occupava o primeiro logar a denominada — *incubação* — na qual tinham a mais profunda crença.

O principe dos epicos da Grecia tambem nos dá noticia da medicina do seu tempo; segundo elle as doenças internas eram attribuidas á intervenção dos deuses, não podendo admittir-se que um homem podesse cural-as. A peste que se refere na Illiada attribuiu-se segundo Daremberg a influencia divina e foi preciso um pomposo apparatus de ceremonias religiosas para lhe pôr termo.

De entre aquelle grupo de philosophos que não desciam a humanisar as suas idéas, avulta Pytagoras de Samos, que attribuia aos demonios ou heroes as causas de todas as doenças, tornando-se necessarias expiações repetidas e frequentes; sua philosophia era extravagante e segundo sua doutrina um vapor quente descia do cerebro no momento da concepção e a elle se devia attribuir a formação da alma e dos sentidos; o corpo procedia dos humores encerrados na madre.

Os muitos discipulos de Pytagoras, como elle medicos philosophos, foram fazendo desaparecer a medicina sacerdotal e como na evolução da poesia, que de religiosa nos hymnos de Lino e Amphião, cheia de mysterios nos oráculos das Sybillas entrou na phase epica, inspirando-se do movimento civilizador hellenico, a medicina profanisa-se tambem e deserta dos templos, construidos em logares agradaveis, perto de fontes thermaes ou cursos d'agoa, envolvidos de jardins para que os doentes se distrahissem; e a fé, que alli os attrahia, bem como as curas que viam operar-se, produziam uma revolução organica favoravel.

No tempo de Hippocrates existia um templo medico-religioso na ilha de Cós que foi queimado na sua epoca.

O seculo de Pericles, que é a idade aurea da Grecia, é tambem a aurora da medicina. Vive n'esta epoca Hippocrates, coincidindo a sua existencia com a civilisação e zenith da grandeza hellenica.

É n'estas circumstancias que o pae da medicina procura nos templos, na philosophia e nos gymnasios a sua educação medica. Hippocrates é no dizer de Boyer, um eclectico, mas o seu eclectismo sae directamente dos factos,

é immediato, o que justifica a opinião de Pidou que o hipocratismo é a observação completa.

Galeno foi digno successor de Hippocrates e, se não teve o genio do primeiro, foi pelo menos bom practico e bom logico, dotado d'um grande talento encyclopedico.

— No longo periodo de incubação da idade-media e por influencia da doutrina ensinada pelo Christo as reliquias dos sanctos vieram substituir os antigos encantos e a medicina, em contacto com este novo mysticismo, deixa-se impregnar d'elle; é assim que a sombra do principe dos Apostolos resuscita os mortos.

As questões theologicas são as de maior momento na occasião e como em todas as epochas succede, os maiores espiritos entregavam então a sua actividade á questão dominante. As questões theologicas, envolvendo todas as questões scientificas eram o foco da actividade dos sabios.

O christianismo tinha operado uma revolução profunda nas idéas e pela pureza da sua doutrina estendera-se rapidamente. Ao polytheismo pagão fez succeder a unidade de Deus, mas o sentimento profundo do maravilhoso, contra as determinações dos bispos e dos principes christãos, que por todos os meios combatem a magia e prohibem a feitiçaria, fez com que os christãos, embora tivessem novos objectos de culto, não banissem a idolatria; os santos substituíram os deuses pagãos, o demonio os maos genios. Empregou-se a força e a tortura para combater a imaginaria influencia do demonio em muitos delirios e doenças nervosas; é a historia dos possessos, para quem crearam os exorcismos.

O islamismo chega a representar por meio da con-

quista o primeiro papel e como os seus sectarios não se preocupavam com as discussões dos catholicos, os seus mais distinctos membros entregavam-se ao estudo das sciencias. O genio inventivo não foi a caracteristica do povo arabe; seus merecimentos, que não são poucos, consistem em terem conservado atravez de uma obra de vandalica destruição os monumentos gregos.

Os arabes ligaram um grande valor á inspecção sideral, ás causas occultas, á acção dos demonios e suas noções scientificas e religiosas confundem-se em nebuloso labiryntho.

D'este modo os arabes estabelecem a transição entre a sciencia antiga e a moderna, a partir da renascença.

—No fim da idade-media apparece Paracelso, de Ensiedlen; por sua influencia a sciencia transformou a astrologia em astronomia e a alchimia em chimica.

Paracelso, tão diversamente avaliado é comtudo considerado por todos como um grande impulsor da medicina, como o iniciador da philosophia medica dos tempos modernos e não abstante pelo seu cortejo de sciencias occultas e idéas supersticiosas é um sonhador, um tenebroso mystico, que de uma orthodoxia duvidosa aceita a intervenção directa da divindade, que dá ao homem a doença como purgatorio e expiação, titulo dos direitos ao céu.

Van Helmont, mystico como Paracelso levanta a bandeira da philosophia medica e curva-se deante de Deus, consagrando sua vida ao estudo e á meditação; admite um *archeu*, principio superior, immaterial e occulto, presidindo ás diversas funcções; o *archeu* ou architecto é formado do sopro vital e de um nucleo espirital: é o artifice superior

que por seus archeus secundarios governa as diversas visceras.

Sthal theocratiza a medicina e estabelece como base da physiologia a psicologia.

Barthez com seu espirito vital não passa de um mystico em sciencia, se assim podemos chamar ao espirito que se embrenha pelas especulativas regiões do entendimento.

O fim do seculo 17 e o seculo 18 caminham no sentido do progresso scientifico, que como nas outras sciencias resulta da observação e da analyse que na actualidade imperam como soberanas.

A Egreja catholica no ardor da sua fé procurou afugentar do corpo dos possessos, por meio dos exorcismos, o demonio, vindo este meio a ser substituido pela tortura e pela fogueira; foram queimados milhares de doentes, medida que substituiu um tratamento racional que os poderia ter curado.

Durante a idade-media numerosos doentes são lançados nas fogueiras como suspeitos de ter commercio com o demonio.

Os possessos formam pela sua frequencia uma verdadeira epidemia, que dá origem a um sem numero de victimas.

A demonomania é hoje considerada como uma especie de alienação mental.

Esta perseguição protrae-se pelo seculo xvii e na epoca em que já apparecia na scena o Tartufo e o Misanthropo, ainda a crença no maravilhoso afastava muitos espiritos do caminho racional. Jansenistas e Molinistas vieram dar nova forma ao mysticismo medico, operando curas miraculosas.

— Esta phase foi substituida pela do magnetismo animal. Mesmer acreditava em espiritos de vida e de saude que podiam invocar-se por meio de caricias e practicas attractantes. *Espirito do mundo, alma do universo, iman, fluido universal*, são outras tantas denominações do novo agente, capaz de curar immediatamente as doenças dos nervos e indirectamente todas as outras.

Esta nova phase do mysticismo medico, o magnetismo animal, basta por si para dar assumpto a um grande trabalho; não sendo nosso intento porém senão esboçar as phases do mysticismo medico até nossos dias, toco n'este ponto como em outros muito por alto, visto que tal exposto tem para nós sómente o valor historico.

— Na homoeopathia e no somnambulismo apparecem duas novas fórmas de mysticismo em medicina. Na primeira as propriedades phantasticas e occultas da materia são tanto mais fortes, quanto menor fôr a quantidade de materia empregada e mais formal a intenção do experimentador.

O segundo tem como pretensão crear uma especie de segunda vista, previsão do futuro, vista a distancias afastadas e por meio d'estas disposições sobrenaturaes, predizer os acontecimentos, conhecer os pensamentos d'outrem, seguir-o nas suas acções, ás mais longinquas regiões, distinguir a conformação normal ou pathologica dos órgãos d'um doente, declarar sem estudo previo as causas das doenças e o seu remedio, ouvir com os ouvidos tapados, sentir odores e sabores não existentes e tudo isto sómente pela vontade do magnetisador.

A nossa epoca póde reputar-se emancipada das velhas

crenças; não admite entidades phantasticas, idéas metaphisicas; a tendencia e o gosto pelo sobrenatural, pôde dizer-se que desapareceram; pelo fertil processo da analyse e sob os auspícios do character experimental da sciencia hodierna, actualmente explica-se d'um modo positivo e racional aquillo que n'outros tempos era da alçada dos deuses, dos espiritos immateriaes e occultos.

No seculo actual a medicina, apoiando-se nas sciencias accessorias e introduzindo na phisiologia normal e pathologica as leis da dynamica geral, é verdadeiramente uma sciencia cuja humanisação constitue a arte de curar.

O mysticismo contemporaneo não tem o character grosseiro ou subtil das phases a que nos temos referido e pôde talvez dizer-se que um tanto de ignorancia, ausencia de critica com excessiva boa fé ou uma idéa preconcebida e systematica, são a verdadeira causa de alguns espiritos, aliás de bastante nome, considerarem como maravilhosos certos phenomenos, doenças e faculdades que affectam uma certa ordem de individuos; é a explicação dada á vida e aos factos observados nas Therezas de Jesus, nos Franciscos d'Assis e nas Luizas Lateau.

Com relação a esta ultima phase do mysticismo teremos de entrar n'uma analyse minuciosa da vida d'estes mysticos e explicar á luz da phisiologia pathologica ou normal os phenomenos que nos apresentar a sua vida.

II

Diz a fé o que os sentidos não dizem e não o contrario do que elles dizem ; está acima d'elles, mas não deve ser contra elles.

PASCAL.

Acabamos de expôr ainda que d'um modo muito succinto as phases por que tem passado o mysticismo medico até á actualidade. O campo do mysticismo como vimos tem-se ido restringindo a olhos vistos, não faltando comtudo ainda alguns espiritos aferrados a principios e idéas julgados e deitados ao ostracismo que ainda consideram como sobrenaturaes certos phenomenos e faculdades que nos apresentam os mysticos. Esses phenomenos e faculdades de que a seu tempo fallaremos e procuraremos discutir, têm já no estado actual uma explicação racional cathégorica.

Teremos de considerar a vida de alguns mysticos, dos mysticos typos, notar os phenomenos e faculdades que todos elles nos apresentam e com os principios da phisiologia e da pathologia interpretar taes factos, podendo assim estabelecer certas conclusões d'um caracter geral e abstracto.

— Os mysticos surprehem-nos pelo seu systema de

vida que se afasta mais ou menos das leis phisiologicas ordinarias e esta extravagancia os faz considerar a mór parte das vezes como impostores.

São quasi sempre os exemplares de variadas nevralgias, insomnias, hallucinações, de uma emaciação esquelética e a morte no meio do mais completo marasmo é o desenlace fatal da scena.

Os mysticos desde Francisco d'Assis até Luiza Lateau e á visionaria de Lourdes têm sido todos doentes e as suas doenças devem ter tido um fundo commum, uma pathogenese identica, pois que a enfermos d'esta ordem nunca os medicos poderam alliviar seus males, senão seus confessores.

São os mysticos doentes e doentes incompreensíveis; ha na sua vida um duplo mysterio phisiologico e moral. Estes doentes sentem as ardentes aspirações do coração ulcerado pelo amor e as suas tristezas são as nossas alegrias.

Desde a mais alta antiguidade até hoje tem sido grito dos mysticos: *Não comas tanto, se queres ser extatico*, o que equivale a dizer se queres ver face a face a Deus, aos santos, o céo e outros tantos ideaes das almas piedosas. Esta é a sua formula de santificação e que deve fazer-nos pensar, não a deixando passar despercebida.

O divino Valmiki (1) em cujo espirito tão suaves emoções despertava o grandioso aspecto da India, emoções que elle derrama no seu immortal poema como perolas caídas do céo, Valmiki o auctor da Ramayana, cujos magicos quadros representam aos nossos olhos todos os esplendores da natureza indiana, por entre as fulgurantes irradiações da

(1) Dr. Letourneau — *Physiologia das paixões*.

prata, da purpura, da opala, da esmeralda e do diamante, descrevendo-nos as florestas de mil plantas perfumadas, que formam a abobada do solo juncado de exquisitos arbustos e flores, este poeta que elevando-se ao vertice das montanhas, ahi nos deslumbra com o oceano de luz do sol indiano, elle que glorifica no seu poema os mais nobres sentimentos humanos, no enlevo d'este brando sensualismo que faz lembrar Petrarcha, de espaço a espaço faz vibrar a nota lugubre — macera o corpo, secca o teu involucro corporeo.

Os cenobitas christãos do 5.^o seculo obedecem n'este ponto ao codigo de Manou.

Recommenda-o S. Jeronymo: ⁽¹⁾ esquece o corpo, reprime os desejos carnaes por uma rigorosa abstinencia.

Segundo Fleury ⁽²⁾ no seculo VI chegou a fundar-se em Jerusalem um hospital para receber os penitentes austeros que tinham perdido a razão. Os conventos por via de regra torturavam os monges e ainda em nossos dias os frades da Grande Cartuxa na Saboia, por exemplo, observam como principal indicação santificante a mortificação da carne; ha exemplo de muitos frades que apoderados do *tedium vitae* se suicidaram e muitos tinham hallucinações. Todos sabemos que os catholicos ferventes estabelecem como uma grande virtude a mortificação do corpo.

O fundador da Companhia de Jesus, Santo Ignacio de Loyola, que em moral não era rigorista, recommenda tudo em seus — Exercícios espirituaes — restringir a alimentação, guardar abstinencia da carne e dormir pouco.

(1) Ad. Eustachiam.

(2) *Historia ecclesiastica.*

O candido Francisco de Salles aconselha a penitencia e a mortificação.

Com estas practicas mysticas ninguem melhor que os penitentes poderia demonstrar o principio do medico de Cós — *sanguis moderator nervorum*.

Não comas tanto, mortifica o corpo, castiga a carne, estas maximas theologicas estão naturalmente a orientar-nos ácerca da etiologia das doenças dos mysticos; é esta uma questão de abstinencia que mais cedo ou mais tarde ha-de fazer sentir os seus effeitos.

Debaixo do ponto de vista que nos occupa o facto mais notavel que se tem dado nos ultimos tempos é o acontecimento do Bois d'Haine, diocese de Tournai, na Belgica.

Luiza Lateau dá occasião a uma discussão scientifica que mereceu occupar a attenção da Academia de Medicina d'aquella nação. Tomemos para typo esta mystica, segundo as considerações antecedentemente feitas.

Lefebre, medico assistente da doente, Warlomont, relator de uma commissão nomeada pela dita academia, Charbonnier com uma memoria sobre este assumpto e um discurso de Virchow no congresso de Breslau forneceram-nos os elementos para o conhecimento d'esta questão.

—Luiza Lateau nasceu em 1850. Sua infancia foi perturbada por *numerosas doenças* como escreve o seu principal biographo, o dr. Lefebre e desde verdes annos mostrou decidida vocação para as idéas religiosas e actos de beneficencia, que classificaram de *milagres* desde 1868. Todos os phenomenos que na vida de Luiza Lateau foram considerados como milagres podem constituir quatro grupos.

1.º A primeira ordem de factos que termina com o seu

noviciado na ordem de S. Francisco d'Assis consistia na apparição de estigmas, que em doutrina ecclesiastica são manchas sanguinolentas que apparecem no corpo ás quintas-feiras e que terminam, dando passagem ao sangue. Apparecem as mais das vezes na pelle, algumas vezes debaixo d'esta e é doutrina da Egreja que são analogos ás do Salvador crucificado e morto, avisos compassivos dados de tempo a tempo pela Divina Providencia para recordação da paixão de Christo. Chamado o dr. Gonne para tratar a doente, declarou que não a trataria no meio da familia; não podendo conseguir segregar-a d'este meio, este clinico se despediu, vindo substituil-o o dr. Lefebre.

2.º A segunda cathegoria de phenomenos, que de ordinario apparecem tambem á quinta-feira, é uma serie de extasis. Luiza apresenta um estado passageiro de excitação, seguida de uma insensibilidade completa, relativamente ao mundo exterior; é insensivel ás mais violentas descargas electricas. N'este estado Luiza tem visões variadas e só por uma influencia ecclesiastica especial está em contacto com o nosso mundo.

3.º Outro phenomeno bem caracterisado é a privação completa do somno.

4.º Finalmente desde a festa das Dores de Maria, Luiza apenas come uma hostia cada dia e toma algumas colheres d'agoa cada semana. Foi esta a sua alimentação durante tres annos, o que não a impede de gozar de uma saude *flourescente*.

—Mr. Wirchow é excessivamente descrente a respeito de authenticidade d'alguns d'estes factos e é talvez para se desculpar do pouco cuidado com que tratou esta questão

que elle se apresenta sceptico no discurso feito por elle no Congresso de Bresleau.

Concluindo, Wirchow diz que na vida de Luiza ou ha um milagre ou um embuste. Depois veremos o valor d'este dilemma.

Esta é pouco mais ou menos a vida miraculosa dos mysticos, o que poderíamos mostrar, apresentando a vida de Santa Thereza de Jesus, Catharina de Sena, Bernadette Souberous, etc.; julgo porém ociosas estas referencias biographicas que têm um character de identidade que deixa ver identidade de causas.

— O primeiro facto que na vida de Lateau é reputado como milagre são os estigmas que já definimos no sentido theologico; tinham elles apparecido pela ordem seguinte:

Na primeira sexta-feira do lado esquerdo; na sexta-feira seguinte na face dorsal dos pés; depois nas mãos e finalmente na fronte.

Segundo Wirchow (1) não precisava Lefebre de se esforçar tanto por demonstrar que não era natural esta marcha dos phenomenos, isto é, que não é compativel com os dados phisiologicos e pathologicos, que têm alguma coisa de particular.

Mrs. Rohling e Lefebre descrevem assim o milagre: E' na quinta-feira, raras vezes na quarta, que começa a formar-se nas mãos e nos pés uma empola que levanta a pelle; na noite de quinta-feira está completamente desenvolvida; a base tem 25 millimetros de comprimento e 15 de largura; a pelle adjacente não se apresenta tumefacta

(1) Discurso citado.

ou vermelha; abre então a empola, dando saída ao liquido que é claro e transparente. Ao mesmo tempo sae o sangue da pelle, não podendo as melhores lentes reconhecer alguma lesão da epiderme, que se abre por fendas longitudinaes, umas vezes cruciaes outras vezes triangulares.

Como acabamos de ver, o jogo d'este mecanismo necessita de bastantes dias e nada tem de commum com o que aponta a historia dos estigmas de Christo, cuja pelle foi completamente atravessada, emanando o sangue directamente das soluções de continuidade.

Este e outros factos reputados como milagres terão a seu tempo sua explicação, assentando desde já que aceitamos a parte do dilemma de Wirchow, não admittindo o milagre. Não admittimos porém a segunda parte d'este dilemma, considerando estes factos como um embuste; depois mostraremos as razões, na explicação dos factos que se deram na vida da mystica e a que já nos referimos, ainda que resumidamente.

Não é coisa facil para os proprios theologos definir o milagre.

No dizer d'um escriptor catholico (1) *miracula esse effectum externum non extraordinarium modo, sed etiam præter naturæ ordinem productum*. N'outro ponto diz o mesmo auctor, paraphraseando esta definição *miraculum dici potest supra vires naturæ sub duplici respectu; vel quoad substantiam, quando effectus in se spectatus totius naturæ creatæ legibus derogat, ut cum mortuus revocatur ad vitam, motus diurnus solis aut terræ interrumpitur,*

(1) Lieberman — *Institutiones theologicæ*.

etc.; vel quoad modum ut cum morbi sanantur solo nutu aut imperio.

Esta doutrina theologica além de falsa é muito pretenciosa. A hypothetica derogação das leis de toda a natureza criada é a negação do progresso na marcha do espirito humano.

Em cada momento dado o sabio exprime o resultado das suas observações e experiencias por meio de formulas e é justamente na successão e substituição d'estas formulas, que são principios reflexos ou as leis, que consiste o progresso na marcha das sciencias.

Além d'isso os defensores dos milagres não são muito respeitadores da Divindade, accusando-a tacitamente, pela admissão de milagres, de ignorante e inconstante; ora tal não póde admittir-se segundo a propria doutrina theologica, pois é principio de dogmatica geral que Deus é omnisciente e immutavel em seus designios.

A citada definição é finalmente muito pretenciosa, como dissemos, quando declara — *præter naturæ*, etc. — factos cujo numero se vae restringindo cada vez mais á proporção dos progressos das sciencias.

Com effeito os milagres que têm sido discutidos pela sciencia têm tido a sua explicação natural.

É assim que a apparição de *sangue* na hostia era considerada como maravilhoso milagre e produzia uma profunda impressão no povo, impressão que alguns aproveitavam no espirito de propaganda durante a idade-media.

Tal facto deixou de ser milagre desde que o microscopico mostrou na hostia a presença de pequenos organis-

mos, de *monades*, que segregam uma substancia, cujo aspecto se assemelha ao do sangue.

Milagres são as inspirações dos sabios, dos genios que na modestia e recolhimento do gabinete descobrem as leis maravilhosas com que a humanidade interpreta em seu proveito a natureza, subjugando-a.

Estes milagres, as immutaveis leis naturaes é que se impoem á nossa contemplação pela sua excellencia e grandeza, pela sua harmonia admiravel.

Suppondo pois authenticos todos os factos relativos ao *milagre* de Bois-d'Haine e sem o scepticismo de Wirchow, admittindo antes a narração de Rohling e Lefebre, medico assistente da mystica Luiza, passemos á explicação que no estado actual dos nossos conhecimentos, póde, segundo pensamos, dar-se dos pseudo-milagres.

Se um medico da auctoridade de Lefebre anda envolvido com vistas tão pouco scientificas n'esta questão, attribuamos o facto á bôa fé do illustre professor da Universidade de Louvain, que leva a sua transigencia a ponto de fazer suas observações na presença do seminario e prelado de Tournai.

Que differença entre os milagres theologicos e os milagres naturaes!

Tanto têm estes de modestos, quanto aquelles de *ostensivos*, procurando exhibir-se; e na verdade é na publicidade e explicação que dão aos factos que vae o ganho da parte interessada e comtudo, como dizia na Allemanha, o patriarcha do romantismo «reconhece a intenção dos milagres e não se aborrece d'elles o mundo!»

III

A Academia real de medicina da Belgica que tomou todo o interesse pela questão de Lateau nomeou como já dissemos, uma commissão para a estudar. Era esta commissão composta de Fossion, Mascart e Warlomont, relator. Esta commissão resume nas seguintes proposições o resultado dos seus trabalhos :

1.º Os extasis e estigmas de L. Lateau são reaes e explicam-se pelos principios da phisiologia.

2.º Os phenomenos apresentados por L. Lateau constituem uma doença da ordem das nevroses e deve collocar-se no grupo das nevropathias estigmaticas.

3.º Emquanto á abstinencia não a admittimos e declaramos que Luiza come, pois que ella gasta calorico e trabalha, perde sangue ás sextas-feiras, os gazes que respira contém agua e acido carbonico; ha-de pois queimar carbone e não é do seu organismo que elle sae.

4.º A phisiologia não póde admittir a abstinencia de Luiza nos termos conhecidos, portanto é aos que a affirmam que compete demonstral-a.

— Nós acceitando as duas primeiras proposições, não acceitamos as duas ultimas e admittindo que a abstinencia se tenha dado como dizem os biographos de Luiza, n'este como em casos identicos ella póde explicar-se pela phisiologia; e como é justamente este o facto capital, a chave de todos os phenomenos da vida dos mysticos, é por elle que principia-remos.

Já vimos a parte relativa á abstinencia de Luiza; vejamos qual a doutrina da phisiologia sobre tal assumpto. Esta parte da phisiologia só modernamente tem sido estudada e o estado actual sobre este ponto é resumidamente o que se segue:

Condições phisilogicas e pathologicas podem dar origem a uma alimentação insufficiente. Póde a insufficiencia provir da quantidade, se esta é inferior ás perdas diarias e da qualidade dos alimentos, quando estes não são digeriveis. Póde a alimentação ser defeituosa por insufficiencia de materias hydrocarbonadas e mineraes. E' claro que debaixo d'este ponto de vista deve ter muita importancia o genero de vida, trabalho, temperamento, peso do corpo do individuo, etc. A razão sufficiente para uma dada pessoa póde não o ser para outra, attentas as circumstancias precedentes.

As condições pathologicas que podem produzir os symptomas e as lesões da alimentação insufficiente são doenças funcçionaes ou organicas do tubo digestivo, affecções nevropathicas como a histeria e algumas formas de alienação mental.

«Entre os phenomenos produzidos pela abstinencia completa e os devidos á alimentação insufficiente, diz J. Cyr, (1) ha quasi as mesmas relações que entre uma doença aguda e a mesma doença que passou a ter uma marcha chronica.»

A questão é de ser mais ou menos rapido o termo pela morte, mas quer n'um como n'outro a morte dá-se desde que o peso do corpo baixa aos $\frac{4}{10}$ do peso normal, cifra incompativel com a vida. (2)

Se a abstinencia fôr observada por um individuo cujo apparelho digestivo tiver funcionado em alta escala, mas esta abstinencia fôr instituida *de repente*, este individuo morrerá. O homem privado de alimento só resiste por tempo muito limitado; a media de duração de vida n'estas condições seria, segundo os auctores, oito dias pouco mais ou menos. Esta é porém a media theorica, aliás variavel segundo diversas causas de resistencia da parte do organismo.

Charbonnier faz n'este assumpto um estudo muito serio e mais arrojado que todos os auctores que o haviam precedido n'esta questão; apresenta-nos uma theoria que achamos perfeitamente racional e em harmonia com a sciencia actual.

Segundo este auctor nunca a abstinencia se observou uma unica vez *d'emblé*, n'um organismo são e n'um clima rigoroso (3) e sómente a demonstração do facto contrario

(1) *Tratado da alimentação.*

(2) Chossat e outros.

(3) Charbonnier; Memoria, publicada pela Academia de medicina da Belgica.

estabeleceria antagonismo entre a abstinencia e as leis physiologicas.

Existe uma perfeita correlação entre os pretendidos phenomenos extraordinarios e a abstinencia e nunca taes phenomenos se deram antes d'aquella. Ainda mais, existe uma correlação entre a abstinencia e o clima, observando o mesmo auctor que além de uma linha que elle chama — *isothermo-mystica* não ha abstinencia nem mysticos.

Com effeito os mysticos não têm apparecido em todos os climas e em todas as latitudes. Não se encontram nos paizes frigidios, são muito raros nos temperados, augmentam sem numero nos paizes do meio dia e a sua maior frequencia é nos tropicos. Em summa os mysticos apparecem nos paizes onde pôde realisar-se a abstinencia e esta é impossivel nos paizes em que a temperatura exterior é insufficiente para substituir o combustivel, introduzido no organismo pelo alimento.

O illustre Charbonnier, demonstrando que os conventos conheciam a orientação, lei de historia natural, vê n'esta lei a razão por que as congregações religiosas se encontram em França, Italia e sobretudo na Hespanha e em todas as regiões banhadas pelo mediterraneo, mas nunca foram conhecidas nos paizes do norte onde é impossivel a abstinencia e onde pelo contrario se estabeleceram as ordens militares.

Charbonnier, estudando o facto abstinencia nos indios e monges orientaes notou que um processo commum era por elles seguido — a marcha gradual e insensivel — é a lei da *gradação*, á qual estão sujeitos todos os phenomenos naturaes. E' por esta lei que todas as transformações se ope-

ram, se accentuam e constituem um novo plano organico, uma segunda natureza.

Deve espantar-nos menos o mystico que por uma gradação lenta e insensivel durante um espaço de tempo extenso chegou a uma abstinencia quasi completa do que o alienado que por uma revolução organica repentina e intensa se abstem de toda ou quasi toda a alimentação. Ao passo que no primeiro uma nova função pulmonar substituiu a função digestiva, no segundo não pôde ter logar tal substituição.

Analysando os phenomenos dos mysticos e querendo explical-os pelas leis phisiologicas ordinarias, nada mais impossivel, menos soluvel; mas assim como entre a semente e o vegetal, que d'ella deriva, se passam numerosos phenomenos que constituem a evolução d'este ser, assim tambem nos mysticos se realisam certas leis intermediarias entre as leis phisiologicas que regulam o plano organico primitivo e um novo plano organico tambem regulado pela lei da *correlação de crescimento* ou *equilibrio dos orgãos* e essas leis são as que se realisam nos casos de abstinencia, nomeadamente a *gradação*.

O organismo affirma-se differentemente segundo o modo como sobre elle actua uma determinada causa. Uma temperatura muito baixa applicada em toda a sua intensidade e de repente produzirá a morte no individuo que não estiver habituado a esta temperatura, o que não succederá, se o individuo se fôr habituando a uma temperatura successivamente mais baixa.

Egualmente, se a abstinencia fôr applicada de repente n'um individuo cujo apparelho digestivo tiver funccionado

com todo o seu desenvolvimento, produzirá a morte n'esse individuo; poderá porém reagir o organismo contra a privação quasi completa de alimentos, se uma certa gradação fôr observada e se esta começar desde a mais tenra idade, isto é, quando os órgãos digestivos não tiverem ainda funcionado com todo o seu desenvolvimento.

E' doutrina corrente que tem sobre as funcções da economia grande influencia o clima, a profissão, o sexo, o temperamento, o trabalho do espirito, as paixões, etc. Todas estas influencias porém estão dependentes da lei da gradação, que regula os órgãos e as faculdades, as paixões e as potencias mais elevadas do espirito, as doenças e a saude, os individuos, as nações e as especies. Os habitantes dos paizes meridionaes sustentam melhor que os dos paizes septentrionaes os rigores do frio. ⁽¹⁾ Em virtude do clima adquiriram maior resistencia á irradição. Seus tecidos não deixam sair de si tão facilmente o calorico.

Esta aptidão para supportar os rigores do frio póde adquirir-se ou perder-se alternativamente. E' assim que os europeus que se acclimam no Brazil, quando voltam á patria são menos sensiveis á acção do frio, podendo até chegar a perder completamente a sensibilidade para elle. Segundo o auctor citado, o limite do resfriamento póde ir muito longe, quando só *particularmente* applicado no animal.

Hunter submetteu á congelação orelhas de coelhos, cristas de gallos, sendo a applicação do frio n'uma das experiencias prolongada até que o órgão chegou a ter a rigidez

(1) Longet — *Tratado de physiologia*.

d'uma taboa e o órgão aquecido tornou-se mais espesso, inflammou-se e voltou ao estado normal; é necessario porém que o calor seja applicado em seguida ao órgão regelado com *extrema lentidão*, do contrario produz-se a gangrena. De maneira que n'este phenomeno, o calor, que applicado repentinamente produziria a morte do órgão, applicado gradualmente teria uma influencia salutar. E' a lei da gradação na applicação do calor.

Uma função que é profundamente alterada, não pôde de repente ser restaurada, embora se empreguem para esse fim todos os meios e isto porque o organismo alterado na função digestiva, por exemplo, estabeleceu um novo plano de reacção ao novo meio; os pulmões vieram substituir o estomago, inhalando o azote, que não pôde ir nos alimentos e esta substituição ainda persistiu depois que o estomago recuperou as suas funções.

Ainda se observa a lei da gradação com relação á rarefacção e pressão do ar. (1)

Com effeito, se milhares de pessoas se transportarem em balão a 5:000 ou 6:000 metros acima do nivel do mar, não poderão viver n'esta atmosphaera rarefeita. A rarefacção do ar e a diminuição da pressão atmospherica, sobrevindo sem gradação, deve modificar profundamente a oxigenação, produzindo perturbações mais ou menos notaveis na respiração e na hematose. Evidentemente é necessario um certo tempo para se estabelecer o equilibrio entre os gazes do sangue e o gaz exterior e para que os movimentos da respiração se harmonisem com as novas condições

(1) Long. — *T. de physiologia.*

de meio, de maneira que os pulmões absorvam n'um tempo dado proximamente a mesma quantidade de oxigenio que no meio seu normal. Nas povoações que estão situadas a grandes alturas, em Quito (3:000 metros acima do nivel do mar) em Potosi no Alto Perú, em Seba no Thibet, cuja altura é a do Monte Branco (4:800 metros) e onde a pressão barometrica está quasi reduzida a metade, n'estas povoações em que ha uma notavel rarefacção do ar, os homens e os animaes vivem *habitualmente* e suas funcções organicas correm como as dos habitantes das planicies.

Se nos pulmões d'estes individuos em cada inspiração entra menor quantidade d'ar, em compensação n'um mesmo tempo é maior a frequencia das inspirações a que corresponde maior acceleração de pulso e segundo Carl Vogt ⁽¹⁾ com uma amplidão maior do peito. A tensão dos gazes do sangue está em equilibrio com o ar exterior e as relações entre o organismo e a atmosphaera não foram em definitiva modificadas. Póde, como se vê, por meio da gradação, o homem viver, respirar normalmente como depois de uma marcha apressada.

A mesma lei se observa em relação á temperatura. Ao passo que os tropicos americanos são mortiferos para os europeus, os negros acclimam-se facilmente n'estes tropicos. As tropas inglezas da India são muito menos dizimadas depois que estacionam um anno em Gibraltar antes de entram em Calcuttá.

A mesma lei domina nos phenomenos pathologicos. O que significa o — *typo morbid*o — com o seu periodo de in-

(1) *Leçons sur l'homme.*

cubação, prodromos e periodo de crescimento, senão uma successão de factos, uma gradação na marcha da doença?

Isto se observou, segundo Esquirol, nas doenças mentaes, que se elevam da paixão mais tranquillá á mais violenta, á mania a mais furiosa, á mais profunda melancolia.

O mesmo processo se observa nas hallucinações dos mysticos. Só depois de continuos dialogos com Jesus durante vinte annos, Santa Thereza vê primeiro a mão de Christo, em seguida o rosto e muito tempo depois contempla toda a sua humanidade. Ha sempre uma preparação, uma successão de factos, uma gradação para a estigmatização, para a apparição dos extasis, etc., como depois veremos.

Dão-se no organismo mudanças determinadas pela necessidade de procurar o alimento por meios differentes d'aquelles a que elle estava habituado, sendo a modificação dos órgãos precedida da sua substituição. Esta substituição organica é o resultado da lei da adaptação aos meios. O organismo adapta-se aos meios, modificando o processo de procurar a alimentação, differente d'aquella a que estava habituado. Quando ha modificação nas condições da alimentação, os órgãos vão-se adaptando aos meios, se aquellas modificações se operam lenta e insensivelmente; pelo contrario succumbem, se revoluções profundas e repentinas alteram o systema da alimentação. E' assim que muitos europeus morrem antes de chegarem á acclimação nos paizes africanos; é por esta lei que deve explicar-se a desaparição das raças extinctas; quando porém esta modificação fôr lenta e insensível, estabelece-se nos diversos órgãos uma especie de equilibrio, desenvolvendo-se um órgão á proporção que outros se afastam do seu estado normal physiolo-

gico, havendo tempo sufficiente para se estabelecer no organismo um novo plano d'ataque ás modificações dos meios, que fizeram apparecer para assim dizer, uma força latente.

Se applicarmos as considerações precedentes aos mysticos, á face da historia, ver-se-ha que nenhum d'elles chegou, *bruscamente* a essa especie de equilibrio de abstinencia que os caracteriza; nota-se mais que grande numero d'elles succumbiram no caminho, não chegando a formar-se no seu organismo um novo plano de reacção aos meios, differentes dos habituaes. Por tempo mais ou menos longo elles vivem, seguindo na sua alimentação uma marcha lenta e gradual, á qual corresponde da parte do apparelho digestivo uma atrophia que se manifesta pela rejeição prompta dos alimentos e pelo augmento funccional da pelle e dos pulmões que se hypertrophiam, o que se manifesta por hemorragias d'aquelles órgãos.

Do lado do apparelho digestivo ⁽¹⁾ depois de numerosas modificações das secreções e da absorpção, o estomago, o peritoneo e os intestinos acham-se contraídos; as fibras musculares parecem encurtadas; ha uma verdadeira atrophia.

Da parte do apparelho respiratorio, os pulmões, que no estado normal eliminam o acido carbonico e o azote, quando a alimentação não é sufficientemente azotada, em virtude da solidariedade dos diversos órgãos da economia, longe de desempenharem a sua funcção habitual, deixam de eliminar o azote para este ser introduzido no sangue e aqui está que os pulmões, que n'um caso são solidarios dos rins, elimi-

(1) J. Cyr — *Ob. citada.*

nando o azote, n'outro são solidarios do estomago, levando ao sangue o azote que este orgão lhe devia fornecer. E' a lei de *equilibrio ou compensação organica*.

Os rins podem eliminar do sangue o assucar que os pulmões não fizeram entrar em combustão.

A pelle respira como o pulmão, segrega urêa como os rins, elimina ou absorve agua conforme a quantidade d'esta existente no sangue.

Não ha como se vê um orgão que preencha uma só função; existe uma verdadeira solidariedade nos orgãos da economia e isto independente das condições histologicas dos orgãos que se substituem nas suas funções.

Obedecendo á lei da divisão do trabalho, quando cada um se acha no seu posto normal, elles como dedicados camaradas substituem-se em suas funções, como que estimulados por uma força irresistivel, o instincto da conservação.

Esta substituição de orgãos facilita como se vê a adaptação a meios anormaes. Quando se realiza por muito tempo, quando ella se dá desde a mais tenra idade, esta substituição reciproca é da mais alta importancia. De uma maneira absoluta, não existe a divisão do trabalho. Com effeito o sangue que é encarregado de fornecer aos tecidos a sua trama e calor, tira d'elles os elementos, quando faltam os orgãos especiaes. Supponhamos que esta substituição tem logar frequentemente, que os pulmões, por exemplo, todos os dias, em virtude de uma alimentação insufficiente ou mesmo de uma dieta tem de fornecer azote ao sangue (1) no fim de um certo tempo de exercicio poderá receber do

(1) Regnault e Reiset.

ar atmosferico maior quantidade d'azote que das primeiras vezes.

Negar isto é negar toda a phisiologia e se os pulmões estão d'este papel encarregados desde a mais tenra idade como succede nos mysticos, poderemos recusar uma grande importancia a esta nova função pulmonar?

As experiencias de Chossat sobre a inanição não foram feitas nas condições em que Charbonnier acceta como realisavel a abstinencia; não observou a lei da *gradação*, á qual elle dá o maximo valor, sendo assim rapidos os effeitos da inanição visto que não se havia estabelecido ainda o equilibrio dos órgãos, em virtude do qual a pelle e os pulmões, por exemplo, como admittem os phisiologistas, Longet, entre outros, substituem os órgãos digestivos, quando estes faltam, sendo o estado do sangue o regulador das funções da absorpção d'estas membranas endosmoticas. Ora as modificações que se dão no sangue traduzem-se nos tecidos e das modificações histologicas, observadas por Charbonnier, uma das mais interessantes é a que elle chamou — *azotação* —. O organismo de um mystico é mais ou menos azotado e *descarbonado* e os phenomenos nervosos, extasis, hallucinações, illusões são mais ou menos intensos segundo o gráo de azotação.

O regime debilitante cria um novo meio interno; foi Dumas o primeiro que fallou da substituição dos elementos constitutivos dos tecidos. Observa-se que nos alcoolicos o azote dos tecidos, sob a influencia do regime, é expulso e substituido pelo carbone e hydrogenio. O tecido nervoso, osseo e muscular, o tecido do figado, do baço carregam-se de carbone á custa do azote e passado certo tempo appa-

recem symptomas nervosos e outros como sequencia normal d'este novo estado.

Sob a influencia da dieta absoluta sobrevém :

1.^o a inalação do azote da atmosphaera; 2.^o a exalação do acido carbonico á custa do carbone depositado nos tecidos.

D'estes dois principios, o primeiro demonstrado por Regnault e Reigset e o segundo por todos os phisiologistas, nomeadamente Chossat, tira Charbonnier um grande partido, estabelecendo um parallelo entre a *carbonificação* dos alcoolicos e a *azotação* dos mysticos.

Com effeito o azote nas condições citadas encontra-se no sangue como alimento; póde e deve combinar-se com os tecidos abandonados pelo carbone. Esta introdução repetida por um certo numero de annos d'uma maneira insensivel, produzirá um estado d'azotação tão completo nos mysticos como o estado de carbonificação nos bebedores e os phenomenos *anormaes*, á primeira vista, tornam-se sequencias normaes do novo estado.

Assim como para a carbonificação dos alcoolicos ser bastante intensa, é necessario que o regime alcoolico seja prolongado e progressivo, observando-se que muitos morrem em virtude dos excessos do seu regime ou em virtude da acção de doenças intercorrentes, assim milhares de mysticos têm morrido no marasmo ou por causa de doenças intercorrentes antes de serem o theatro de phenomenos sobrenaturaes, por isso que não observaram a lei da graduação durante bastante tempo.

Ha uma grande analogia entre os mysticos e os animaes hibernantes; n'aquelles a dieta absoluta não causa as inflam-

mações e as desordens que se observam nos animaes sujeitos á inanição como observou Chossat. Em virtude do instincto de conservação os animaes hibernantes tornam lenta a respiração e a circulação como os mysticos, cujo pulso é insensível; os primeiros mettem-se debaixo da terra ao meio dia como os mysticos se escondem n'uma gruta ou n'uma cella; supprimem as dejecções, as urinas, a transpiração e todas as secreções como os segundos; entorpecem-se para se condemnarem ao repouso, isto é, suspendem todas as funcções da vida de relação e de vegetação, como os mysticos fogem á sociedade e supprimem todos os deveres da vida practica; emmagrecem como os mysticos; eliminam cada vez menos acido carbonico, até não respirarem de uma maneira sensível como os mysticos em seus numerosos extasis, em que o pulso é insensível e a respiração quasi nulla.

São estes os phenomenos histologicos que preparam o extasi, que não é mais que a exaggeração de um estado chronico habitual, em que as funcções de nutrição e de relação são de tal maneira morosas, que muito perto existe a sua suspensão, bem como o *delirium tremens* não é mais que a exaggeração d'um estado habitual. A base dos phenomenos extaticos é a morosidade e a suspensão das funcções vegetativas. Como é sabido ha no estado normal um movimento de assimilação e desassimilação que se equilibram; ora não repugna admittir que este equilibrio se dê n'um gráo quantitativo muito pouco consideravel; póde assim chegar-se ao que Charbonnier chama — *mumificação viva*.

Os espasmos epigastricos no homem que se entrega á contemplação são depressa seguidos da inercia do systema

nutritivo, as digestões perdem a sua regularidade, as secreções fazem-se mal, a transpiração supprime-se, etc. (1)

Fournier, fallando de muitos doentes que supportaram abstinencias prolongadas, diz que as secreções eram supprimidas e que se o movimento nutritivo chegou a ser supprimido, o movimento de decomposição foi egualmente suspenso. (2) E' opinião de Serres e Dogère que o renovação constante da materia nos tecidos não é absolutamente indispensavel no adulto para se operarem os phenomenos vitaes.

Tendo em consideração que sendo pequenas as perdas organicas dos mysticos, podem ser equilibradas pela inalação do azote atmospherico, o movimento de assimilação e desassimilação nos mysticos póde ser tão pequeno que nada mais racional do que a explicação de phenomenos á primeira vista tão estranhos. Mas sendo assim e n'este periodo *de estado* quaes as fontes de calor animal?

E' em primeiro logar o carboné depositado nos tecidos, que se vae eliminando de uma maneira insensivel na fórma de acido carbonico. Este carbone póde ser sufficiente para o calorico desenvolvido nos mysticos, mas além d'isto a phisiologia nos fornece dados em grande numero para explicarmos a proveniencia do calorico dos mysticos, o qual não póde explicar-se pelo movimento assimilador da nutrição. Haja vista o papel do grande sympathico, demonstrado pelas experiencias de Cl. Bernard.

O sympathico tem como uma das suas funcções reter por

(1) Esquirol.

(2) *Dicc. das Sc. M.* em 60 v., art. *abstinencia*.

meio dos vaso-constrictores o calorico nos tecidos. Além d'isto o azote é um corpo endothermico, resultando de suas combinações não o desenvolvimento de calor, mas a sua armazenagem nos tecidos. Na mulher outros phenomenos se dão em virtude dos quaes as perdas de calorico são menores; tal é o phenomeno da menstruação, segundo Gavarret.

Luiza Lateau e todos os mysticos entram no quadro traçado pela mão de mestre do dr. Charbonnier.

Abstinencias prolongadas, doenças capazes de produzirem a pobreza de sangue, nevralgias, hallucinações, illusões, *muito tempo antes* da apparição dos estigmas e dos extasis, eis o que nos fornece a vida d'esta doente.

O regime de Lateau foi desde a sua infancia muito frugal. Até á apparição dos estigmas a sua alimentação consistia em uma sôpa ordinaria, algum café, pão, fructos e legumes. Não comia carne nem bebia vinho. Teve duas vezes a variola; não foi amamentada convenientemente em sua infancia; sua familia viveu tres annos de esmolos; aos onze annos correu perigo a sua vida em virtude de uma chi-frada de boi; aos dezeseis perdeu o appetite, soffreu de angina muito grave, teve pobreza de sangne, nevralgias muito intensas, eczema chronico com complicação d'um abcesso na axilla, perda completa de appetite; a 15 de março de 1868 caiu de cama, teve hemorragias pela bocca, nevralgias intensas; recusou absolutamente alimentação e bebida até 21 d'abril de 68; em 24 do mesmo appareceram-lhe os estigmas.

Esta noticia historica é de Lefebre e Rohling; como póde admittir-se o que diz n'outro ponto o professor da Universidade catholica de Louvain; que L. Lateau gozou

de uma *saude perfeita* até á appareição dos estigmas? Apalpa-se o grão das convicções de Lefebre.

Ha uma circumstancia na vida de Lateau que muito concorreu para se prolongar a sua vida no meio da abstinencia por ella observada e é que ella bebia agua todas as semanas. A *não privação d'agua* prolonga muito a vida nos casos de abstinencia. Cães sujeitos a uma abstinencia completa de alimentos mas aos quaes deram a agua que elles queriam, viveram tres vezes mais tempo que aquelles a quem se não dava agua.

E com effeito o sangue, tendo de fornecer agua para diversas excreções, muito mais depressa chega a um estado de concentração incompativel com os actos phisico-chimicos de que elle é forte meio, quando o animal não beba agua.

As doenças em geral produzem uma certa tolerancia para uma abstinencia mais duradoura. Esta idéa tão preconizada no physiologismo que proscrevia a alimentação no curso das doenças agudas e das febres continuas e as depleções sanguineas, é ainda hoje de um certo valor para as indicações dieteticas; vimos que L. Lateau tinha sido doente toda a sua vida. — O repouso no leito, uma temperatura tepida, uma semiobscuridade, a inactividade cerebral são outras tantas condições capazes de fazer supportar a abstinencia por longo tempo. Estas condições deram-se em Lateau e dão-se em geral em todos os mysticos. O homem em caminho de mysticismo procura o silencio da solidão; o repouso contemplativo é de ordinario produzido pela miseria ou pela doença desde o nascimento. Aquelle que chegou a ser verdadeiro mystico começou por se privar de tudo o

que demanda grandes perdas organicas, tornando-se d'esta arte mais realisavel a abstinencia.

— Certas nevropathias podem pôr o organismo em estado de resistir aos effeitos da inanição de um modo admiravel; está hoje demonstrado que nevropathias hysteriformes podem modificar de tal maneira a inervação que o processo nutritivo se torne muitissimo moroso, diminuindo portanto as necessidades de reparação organica. — A monomania religiosa faz que certos individuos vivam por muitos annos, guardando uma abstinencia quasi absoluta. ⁽¹⁾

— Pelo que fica exposto antecedentemente vê-se que chegámos a uma conclusão muito diversa d'aquella a que chegou a commissão da Academia de medicina da Belgica relativamente á abstinencia de L. Lateau e indirectamente á abstinencia dos mysticos. Parece-nos pois ter justificado a nossa opinião, quando, admittindo as duas primeiras conclusões dos trabalhos da citada commissão, rejeitámos as restantes.

Desembaraçámo-nos como nos foi possivel da attitude que tomámos relativamente á questão, impondo-se-nos naturalmente em seguida referir-nos ás outras conclusões. E' o que passamos a fazer.

Com effeito os extasis e estigmas de L. Lateau são reaes e explicam-se pelos principios da phisiologia e encontramos no quadro nosologico o lugar da doença de L. Lateau, doença pertencente á ordem das nevroses — *nevropathia estigmatica*.

A abstinencia n'um individuo traz como resultado a sup-

(1) J. Cyr. — *Ob. citada*.

pressão das funções vegetativas e portanto o influxo nervoso e o sangue que eram distribuidos pelos órgãos digestivos, tornam-se livres. Apparecem as nevralgias, as hallucinações, as illusões e os accessos nervosos chamados — *extasis*.

Segundo a interpretação mystica, as nevralgias são diabolicas ou divinas segundo se manifestam em partes diversas d'aquellas em que soffreu Jesus ou nos mesmos pontos como cephalalgias, dores nas mãos, nos pés, ao lado e no dorso.

Em virtude do equilibrio dos órgãos, a pelle e os pulmões hypertrophiando-se, faz-se para elles uma derivação, chegando a haver frequentes hemorragias que na pelle são muitas vezes provocadas por flagellações.

As hemorragias d'estes dois órgãos parecem ser supplementares, precedendo as pulmonares que cessam com a apparição das primeiras. Mas não é a abstinencia a causa unica da estigmatisação. E' esta causa secundada pela contemplação. Os mysticos, que são dominados pelo amor da compaixão, abstraem de todas as dores que não sejam nos pontos em que as soffreu Christo tambem. Seu espirito em virtude de uma concentração organica e do seu proprio poder presta attenção, admira e ama as dores que lhe apparecem nos pontos indicados e o influxo psychico vem em seguida supprimir todas as funções para se entregar exclusivamente ao objecto da sua paixão.

A idéa, todas as potencias psychicas por esforços ininterruptos e continuados por muito tempo fazem em seguida apparecer o movimento histologico em certos pontos da pelle, cuja actividade augmentada como vimos em toda

a sua extensão por aquella concentração organica e psychica, a que nos referimos, apresenta estigmas nos pontos desejados. Ha aqui uma gradação como póde ainda ver-se á face da historia dos mysticos. S. Francisco d'Assis, todo dedicado ao jejum, á penitencia e á meditação vae sentindo gradualmente os effeitos da abstinencia; suas illusões, suas hallucinações são cada vez mais intensas na proporção dos seus jejuns, que elle realisa em geral n'uma gruta do Monte Alverne. O mesmo succede com a estigmatisada do Tyrol, Maria de Moerl, com a milagrosa de Bois d'Haine, etc. Como as dores e tudo o que se assemelha com alguma coisa da paixão do Salvador, esquecem outras peturbações que attribuem naturalmente ao demonio que lhes apparece de noite, tomando ordinariamente a forma dos animaes que maior horror causam ao homem. A abstinencia augmenta e o *diabo* inspira suas perversas idéas, levando estes eleitos a uma janella e inspira-lhes a idéa do suicidio; é uma lucta continua com o inimigo da sua salvação; é a illusão, a hallucinação, caminhando *pari passu* com a abstinencia. As nevralgias são o resultado da abstinencia; se estas parecem ter alguma coisa de particular como os estigmas, não devemos ali ver senão phenomenos normaes.

Phenomenos anormaes seriam os dos mysticos, se elles se apresentassem como os que se manifestam em qualquer de nós que o não somos. Bastam com effeito umas rapidas considerações sobre este ponto para logo nos convenceremos da verdade d'esta asserção. O homem quando nasce traz consigo esta ou aquella aptidão; se o meio em que posteriormente vive é adequado para o seu desenvolvimento, desenvolve-se; do contrario ficará latente. O meio pois, a na-

tureza pôde muito, no sentido de ser causa occasional de transformações de órgãos primitivamente nas mesmas condições na especie. A força transformista reside no proprio organismo; o meio é a causa que a faz manifestar.

Se a natureza, que é o meio exterior tem este poder, outro meio tambem poderoso pôde operar admiraveis transformações; é este o meio interno, a alma. Esta potencia ou como lhe queiram chamar, que n'um dado momento e seguindo as sugestões do instincto de conservação procura para o corpo o alimento regular e necessario para o jogo normal das funcções organicas, evita as dores e tudo o que possa perturbar o corpo; esta potencia n'outro momento e sob o imperio de uma idéa fixa, que se lhe affigura como generosa, elevada e santa, põe-se em lucta com o corpo, seu companheiro inseparavel, macerando-o, negando-lhe o alimento, perturbando-o no seu funcionalismo. Tudo então se transforma phisica e moralmente. Com as transformações histologicas operam-se as mudanças psychicas.

Ha uma vista intima, unica verdadeira e real; é o puro estado subjectivo; é a hallucinação da intelligencia; é o mysticismo tal como o definimos. Com taes transformações achamos naturaes os phenomenos que nos mysticos se observam e de admirar era, repetimos, que os mysticos fossem o que nós somos.

N'este estado a alma como que vasia, desprendendo-se do corpo, transforma-se n'um instrumento d'aquelle que a influir no sentido em que ella vive. A alma cria pois um novo meio, mas nem todos chegam a este ponto porque muitos succumbem antes da sua glorificação. Quando porém o corpo pôde adaptar-se ao novo meio que lhe creou a alma,

o aparelho digestivo gasta muito pouco influxo nervoso e sangue, visto que elle pouco ou nada funcção; tal aparelho atrophiou-se, dando-se como vimos, a hypertrophia da pelle, pulmões e coração, augmentando a sua actividade o influxo nervoso e o sangue, provenientes do aparelho digestivo, atrophiado.

A historia nos diz que todos os mysticos têm tido hemorrhagias diversas, resultantes da hypertrophia dos respectivos órgãos. As hemorrhagias pulmonares e cutaneas dos mysticos são o resultado não de uma *degeneração dos tecidos e do sangue* mas de uma exaggeração funcçãoal d'estes órgãos e isto póde provar-se directamente, analysando o sangue e a ferida dos estigmatisados. E' com effeito um facto observado que o sangue n'estas condições é normal emquanto ao numero, forma dos globulos rubros e emquanto ao sôro e que nas feridas se descobre uma rede capilla-ampliada, exagerada. Pelo raciocinio podemos tambem chegar á mesma convicção. O sangue no estado normal das funcções do organismo anda proporcionalmente dividido pelos diversos órgãos, conforme a intensidade de suas funcções; o aparelho digestivo, de reparação organica, deve durante a digestão ser a séde de um grande affluxo sanguineo e isto normalmente; acabada esta funcção, o sangue lá segue o seu giro regular pelos diversos órgãos, sem motivo de affluxo n'este ou n'aquelle ponto da economia. Quando porém a abstinencia chega a produzir a atrophie do aparelho digestivo, e a hipertrophie correlativa dos pulmões e da pelle, estes órgãos estão fatalmente para com o organismo obrigados a dar-lhe os seus elementos de reparação, bem como a eliminar os productos de desassimilação.

A pelle converte-se desde este momento n'um verdadeiro órgão repador e o sangue, que devia affluir para o aparelho digestivo, para ella converge bem como para os pulmões. Se assim é, que estranheza podem produzir em nós os milagres dos mysticos?

Na questão dos estigmas vimos que aquillo que foi reputado como mais extraordinario foi a permanencia no dia em que appareceram taes phenomenos; era sempre n'uma quinta-feira; ora, se attendermos a que a preparação d'este phenomeno resulta da abstinencia e que em tudo isto o que reina no espirito do mystico é representar em si, por favor de Deus, as scenas da paixão, naturalmente nos apparece a explicação. Tudo é modelado pela paixão do Christo.

Todos os nervos estão dolorosos em virtude do estado de fraqueza, de alteração do organismo, mas como o mystico apenas se lembra das feridas e dores do Salvador, é só nos mesmos pontos que elle deseja soffrer.

A principio o mystico conhece que está doente, sabe relacionar o estado actual com as suas causas; mas em breve, pelos progressos da abstinencia, o mystico attribue á vontade, á bondade de Deus os seus soffrimentos que elle estima como favores do céo. E' assim que a alma, subjugada pela paixão, esquece que foi ella propria que produziu este estado. Sem abstinencia anterior e longo tempo observada não ha estigmas.

O sangue, segundo Lefebre, em Luiza Lateau sahia dos vasos sem ruptura d'estes, sangue que não obstante contem globulos rubros. Quer n'estas hemorragias admittamos a disjunção dos bordos cellulares para a passagem dos leucocitos, quer admittamos a penetração da substancia pe-

los globulos sanguineos, verdadeiras actividades microscopicas, não é este ponto ainda um facto perfeitamente discutido. O que é positivo é que os globulos rubros, saem dos capillares sem ruptura d'estes n'uma abundancia proporcional á quantidade que se encontra no sangue normal.

E' racional admittir que da parte do sangue e dos vasos se dão alterações que facilitam a saída dos globulos; os capillares estão dilatados e isto em virtude da actividade funcional da pelle e a crase do sangue está alterada, o que não é difficil de explicar. Não são simples conjecturas, é facto observado pelo exame microscopico do sangue e do tuberculo estigmatico.

Ha nas modificações da rede capillar alguma semelhança com os angiomas, sendo uns resultantes de simples dilatações capillares e outros de modificações mais profundas, consistindo em verdadeiros tumores ectasicos.

Emquanto ao mecanismo de formação dos estigmas, já vimos que têm como base a concentração organica e psychica e o illustre Warlomont assim opina a este respeito.

A vida dos mysticos com effeito fornece dados para estabelecer que um só pensamento occupava a sua actividade cerebral e nos estigmatisados é este pensamento o drama do Calvario.

N'estas condições a alma, diz Warlomont, como que envolvida n'um oceano de amargura e prestes a dissolver-se n'uma ineffavel tristeza, tem o desejo de se apropriar mais da imagem do Homem-Deus e procura soffrer como elle....

Que de extraordinario haverá em que o systema nervoso central acabe por soffrer a influencia d'esta idéa pre-

dominante, a impregnar-se para assim dizer d'essa immensa e sublime dôr de que elle é representação?

Effectuada esta impregnação, esta deve manifestar-se exteriormente, pois toda a impressão cerebral é dotada de exterioridade. A consequencia geral que decorre da attenção é arrastar uma debilidade na funcção da parte que é a sua séde, uma verdadeira paralyisia do estimulo vaso-motor que preside a ella e esta consequencia concorda com o principio de harmonia que existe na união da ordem mental com a ordem phisica.

A concentração na idéa de soffrer n'um lugar determinado do corpo dá ahi logar a um principio de realisação ou á dôr. Quando a concentração do pensamento tem paralyzado o estomago, ella affecta a digestão; se é o coração o foco de concentração, perturba o rythmo de suas pulsações.

As indagações modernas chegaram a demonstrar a localisação d'um centro vaso-motor, unico n'um espaço comprehendido nos limites de 1 milimetro para trás dos tuberculos quadrigemios e de 4 a 5 milimetros adiante do bico do *calamus escriptorius*; este centro de actividade é considerado como a séde do syndroma estigmatisação e extasis do qual em seguida vamos tratar.

O cerebro é o órgão a cuja actividade estão encarregadas as faculdades mentaes; estas, porém, apesar de varias convergem todas na sua acção.

Quando a attenção está concentrada n'um certo objecto, o cerebro como que é insensivel a toda a excitação

estranha ao trabalho actual. Todas as faculdades convergem para o objecto da concentração.

Não se vê, não se sente, não se ouvem as estimulações das necessidades nutritivas, quando não são muito excessivas. E' este o primeiro gráo do extasis.

N'este estado os sentidos especiaes estão entorpecidos, ao passo que as faculdades estão exaltadas n'um sentido dado. A vontade deixou de ser livre para se converter n'um desejo; a imaginação exaltada representa em toda a nitidez o objecto da paixão do momento; a sensibilidade especial perde-se, ganhando em compensação a *idéa-imagem*, que se approxima da hallucinação em cujo dominio principia o extasis, estado caracterisado pela força de uma idéa, de um desejo violento, fixo, com hallucinação do sentido do desejo e paralyisia mais ou menos pronunciada da sensibilidade geral.

Dão-se perturbações na vida de nutrição, abaixamento da temperatura geral, lentidão do pulso, etc.

A paixão é o ponto de partida do extasis; o ritual que o prepara tem sido desde a India antiga até ao christianismo, em todos os tempos e em todos os logares, dois meios mecanicos principaes — *olhar fixamente para a ponta do nariz ou para um objecto approximado, algumas vezes o céu e simultaneamente demorar, embaraçar a respiração*. O resultado d'isto é um gráo mais ou menos pronunciado de insensibilidade e a apparição de pontos luminosos, de visões, o que significa a congestão cerebral e retiniana, consequencia de uma hematose imperfeita.

Para vermos o methodo seguido ou antes o mecanismo do extasis, refiramos de Ignacio de Loyola o que elle tem

de mais extravagante—o mais grosseiro sensualismo christão.

Nos seus — Exercícios Espirituaes — aconselha a contemplação do inferno, pôr diante da imaginação o seu comprimento, largura e profundidade, imaginar que se vêem os brazeiros onde as almas estão envolvidas como em prisões, ouvir pela força da *imaginação* os lamentos, os rogos, os gemidos, os gritos e as blasphemias contra J. Christo e seus santos, farejar, por uma sensação imaginaria do olfacto, o enxofre e a podridão infecta d'aquella sentina, tomar o sabor de substancias muito amargas, tocar de algum modo o fogo que queima as almas. Isto é acompanhado de gravuras allusivas ao assumpto. Concebe-se que taes exercicios espirituaes, practicados ordinariamente na escuridão de uma igreja ou em logar adequado, havendo da parte do individuo fé e terror do inferno, preparado além d'isso com um regime debilitante, senão uma abstinencia quasi completa, concebe-se, dizemos, que n'estas condições, a *idéa-imagem* tome uma nitidez caracteristica, notavel e então scenas horriveis, espectaculos extraordinarios se passam no cerebro do extatico que desde então soffreu, como diz um escriptor, uma especie de castração intellectual.

N'este caminho o devoto todos os dias foge ás distrações, exalta a sua impressionabilidade pelo jejum, pela insomnia e pelas macerações corporaes; então reina a idéa fixa, os habitos adquiridos, o attractivo invencivel e a *idéa-imagem*, que n'uns é ballucinação e n'outros extasis.

Ora, se os meios mecanicos a que nos referimos, produzem a congestão cerebral e retiniana, cujo valor já fizemos ver, os meios psychicos adjuvantes e que acabamos de

traçar ligeiramente, demorando e algumas vezes suspendendo até os movimentos respiratorios, igualmente produzem a congestão passiva do cerebro, onde pela excitação das faculdades já deve haver affluxo sanguineo consideravel segundo nos diz a phisiologia.

Podemos pois concluir dizendo que para se desenvolver o extasis é necessaria uma preparação, uma gradação de meios que produzam uma irritabilidade nervosa morbida, o que se consegue muito bem por meio de uma abstinencia nas condições já apontadas.

Outra condição é o emprego de certos meios mecanicos, um rito mais ou menos variado, mas que em ultimo resultado produz a congestão cerebral. Além d'isto existem meios psychicos adjuvantes, a abstracção de todos os desejos, de todos os sentimentos naturaes, um — desejo unico, a idéa fixa que produz o trabalho automatico de certos grupos de cellulas cerebraes em sentido dado, trabalho que repetido acaba por avassallar todas as outras cellulas cerebraes e todas as faculdades em virtude da solidariedade anatomica e phisiologica que existe em todas as partes d'este orgão segundo Luys.

As hallucinações, as visões são o resultado d'um trabalho de imaginação cujo poder está mais que demonstrado.

São ainda uma manifestação do mysticismo certas faculdades attribuidas aos mysticos, reputadas como sobrenaturaes, outro ponto a que nos referimos já e de que vamos tratar.

Têm apparecido em certos individuos pontos luminosos de que têm feito *aureolas*. Estas luzes têm uma explicação natural. A funcção cria o orgão e o instincto de conservação cria a funcção; não é essencialmente necessario um orgão especial para cada funcção, pois que esta pode estar a cargo de orgãos differentes; somente a funcção tem o maximo de intensidade, quando estiver ligada a um orgão especial constantemente encarregado de a executar. E' assim que se tem verificado a existencia da electricidade organica no homem e comtudo não ha n'elle um orgão especial, como por exemplo no gymnoto, encarregado de a produzir.

Como nos animaes esta quantidade de electricidade é muito variavel, o que pode demonstrar-se com o apparelho de Duboi Raymond; ha certos individuos que por tempo secco desenvolvem pelos cabellos grande numero de centelhas electricas, passando a mão por elles. Concebe-se que n'um gráo mais elevado de electricidade n'um dado individuo possa espontaneamente desenvolver-se o movimento electrico e d'ahi as luzes chamadas *aureolas*.

Além d'isso ninguem fez por emquanto experiencias tendentes a mostrar que as aureolas não são centelhas electricas; mas o que a bôa logica não pôde de modo algum admittir é considerar o phenomeno como sobrenatural.

Passemos a uma outra presuppоста faculdade sobrenatural — o poder de adivinhar pela inspecção das feições — tal é o discernimento d'estes eleitos. Como se vê, para adivinhar é necessaria a inspecção das funcções: ora em todos os individuos existe em gráo mais ou menos alto o dom de adivinhar o que se passa no espirito do seu simi-

lhante, pela inspecção do rosto; uma fina observação da contracção dos musculos da face, associada a uma agudeza de espirito notavel podem com effeito relacionar, os phenomenos physiologicos que se passam nas feições e os psychologicos. O rosto, diz o dictado, é o espelho da alma. Tal phenomeno que para os partidarios do sobrenatural é um dom divino ou diabolico, segundo as situações em que se acham os interessados, para o physiologista não passa de uma faculdade, que resulta de um espirito penetrante e sentidos apurados.

A tendencia a explicar certos factos invocando o sobrenatural manifesta-se no *gráo apurado em que alguns individuos têm o olfacto*, que consideram um outro dom divino.

Este sentido do olfacto era tão apurado em Santa Catharina de Senna, que dirigindo-se a uma cidade, sentiu a grande distancia, um cheiro tão desagradavel como nunca tinha sentido outro. S. Philippe Neri distinguia pelo cheiro a castidade.

Ainda aqui tem cabimento o que dissemos do poder electrico, que nullo n'uns individuos, é n'outros assás desenvolvido. Tambem em relação ao olfacto é uma questão de gráo, gradação aliás observada em todas as faculdades e na escala animal. O homem cujo olfacto é extremamente apurado assemelha-se debaixo d'este ponto de vista a certos quadrupedes e n'estes não haverá alma devota que supponha influencia sobrenatural.

Wondwast refere-se a uma mulher que predizia as tempestades com antecipação de muitas horas por intermedio de um cheiro sulfuroso que sentia no ar.

Para Santa Thereza este cheiro annunciava o diabo. Guiando-se pelo cheiro, os indios da America do Norte perseguem os seus inimigos ou a sua presa e os negros distinguem os vestigios de um branco dos de um negro. O olfacto em geral é tanto mais delicado quanto maior fôr a pratica da abstinencia; ora são justamente os mysticos que se submettem a jejuns mais prolongados.

O corpo do homem desenvolve um cheiro particular e os mysticos um *cheiro de santidade*.

Parece que para os escriptores mysticos ha por assim dizer duas entidades distinctas, uma commum a todos os homens e outra sobrenatural; não coordenam os factos, não os criticam; este é o seu primeiro defeito. Ora hoje não se admitte senão o que é racional; dado um phenomeno que differe dos ordinarios, trata-se de examinar se elle pôde explicar-se pelo regime, pelo modo de vida; em summa recorre-se á phisiologia e no plano geral do reino animal ou vegetal se vão descobrir as leis, que normaes ordinariamente, n'um dado caso, constituem uma excepção.

Os animaes como os vegetaes apresentam uma grande variedade no cheiro que exhalam; como algumas plantas que nos deleitam com os seus perfumes, tem havido e pôde haver certas pessoas que exhalam um cheiro balsamico muito agradável, taes como S. Francisco de Paula, Santa Thereza e outros.

As propriedades odoríferas e os perfumes exhalados dos vegetaes parecem estar ligados com a alimentação; os vinhos de Suresne, por exemplo, têm um sabor detestavel depois que alli se empregam adubos estercoaes.

O tabaco alimentado com excrementos fôrma pela com-

bustão uma atmosphera infecta como a das latrinas; ora se as plantas tomam um cheiro animal, quando alimentadas com substancias animaes, os alimentos vegetaes podem dar ao homem o cheiro que elles proprios possuem e este cheiro será tanto mais pronunciado quanto mais se privarem de alimentos os individuos, tirando do ar uma alimentação egual á dos vegetaes.

O cheiro dos santos era tanto mais agradável quanto mais se prolongava o seu jejum ou dieta em caso de doença. N'um individuo que observa a abstinencia alimentar dão-se certas modificações que explicam talvez o cheiro agradável; não ha urêa no sangue ou quasi nenhuma; existem no sangue elementos diversos dos habituaes e que têm um cheiro diverso d'aquelles; nos intestinos não existem materias fecaes; o figado não contém bile; a bexiga não tem urina.

Em virtude d'esta mudança nas secreções não repugna admitir um cheiro agradável nos santos, baptisado com a designação de *cheiro de santidade*.

Este cheiro particular póde ser devido á presença de certos gases expirados pelos pulmões e gases contidos no sangue.

Pela abstinencia podemos pois explicar este phenomeno, mal avisadamente considerado como sobrenatural.

Ainda, para fallar de outra faculdade attribuida aos mysticos, referem a estes o dom de permanecer por muito tempo debaixo da agua. Existe esta faculdade em certos mammi-feros que têm respiração pulmonar; dá-se com os cetaceos; que em virtude de um annel muscular collocado no orificio dos grossos vasos que saem do cora-

ção, podem permanecer por muito tempo debaixo da agua. Este musculo, sob o poder da vontade dá uma explicação natural do facto. Ninguém veria em miss Lurline um facto sobrenatural quando ella permanecia tanto tempo debaixo da agua; se ella fosse uma santa, o phenomeno viria acompanhado do cunho sobrenatural. Spallanzani encontrou andorinhas que passavam o inverno empilhadas umas sobre as outras debaixo da agua; é facto geral nos animaes novos a resistencia mais prolongada á suppressão da respiração. Immergindo na agua uma cadella com os seus cachorros recém-nascidos, a mãe succumbe passados 3 ou 4 minutos e os cachorros podem viver ainda depois de meia hora de immersão.

PROPOSIÇÕES

Anatomia — O systema osseo é na economia animal um subordinador.

Physiologia — O principio da substituição funcçional tem no organismo humano uma grande applicação.

Materia Medica — Deve rejeitar-se o xarope de balsamo de Tolu, preparado segundo a Ph. P.

Pathologia externa — Não ha hernias espontaneas.

Medicina operatoria — A designação de pensos antisepticos é má.

Partos — Nos casos de vicios de conformação da bacia têm indicações especiaes o forceps e a versão.

Pathologia interna — Deve ser repellida toda a medição systematica no tratamento da febre typhoide.

Anatomia pathologica — A historia das alterações dos tecidos é dominada pelas leis do desenvolvimento organico.

Medicina legal — A alienação mental deve em certos casos ser considerada como causa de divorcio.

Pathologia geral — Não é racional a asserção de Chossat e outros — que a morte por inanição é a resultante do esgotamento do carbone e azote pela organophagia.

Approvada.

Póde imprimir-se.

O CONSELHEIRO DIRECTOR,

Vicente Urbino de Freitas.

Costa Leite.